

# Profanar o sagrado, sacralizar o profano: reflexões poéticas sobre práticas de performance em contextos específicos

## Desecrate the sacred, sacralize the profane: poetic reflections on performance practices in specific contexts

Daniela Carvalhaes Carmona<sup>1</sup>

Maria Brígida de Miranda<sup>2</sup>

*Submetido em 6 de abril e aprovado em 14 de maio de 2019.*

**Resumo:** No presente relato apresento reflexões sobre uma série de apresentações da performance *Mitoprofânica*, um solo criado dentro do projeto *Performances do Parto*, uma investigação cênica poética a partir do universo do parto como parte de um universo maior de práticas, a maternidade. A encenação foi criada para ser apresentada em eventos e coletivos que lidam com temáticas do nascimento no Brasil; tece uma trama dupla com um dos mitos de Deméter - deusa grega que sintetiza aspectos de poder do feminino - e a narrativa de um parto real, para abordar o assunto da violência obstétrica. A partir dos desdobramentos dialógicos dos públicos participantes nas referidas apresentações, busco situar quais caminhos esta encenação pode percorrer para ser utilizada como ferramenta poética detonadora de diálogos, novas narrativas e reflexões a respeito do atendimento às gestantes e mães no sistema de saúde brasileiro.

**Palavras-chave:** Performance. Mitologias do feminino. Narrativas de parto. Violência obstétrica.

**Abstract:** In the present paper, I introduce reflections about a series of sessions of the *Mitoprofânica* performance, a solo created within the *Performances do Parto* (*Performances of Childbirth*) Project, which is a scenic poetic investigation from the universe of childbirth as part of a larger universe of practices, the maternal. The performance was created to be presented at events and collectives that deal with birth issues in Brazil; weaves a double plot with one of the myths of Demeter - a Greek goddess who synthesizes aspects of feminine power - and the narrative of a real birth, to address the subject of obstetric violence. Based on the dialogical unfolding of the participants in these presentations, I seek to locate which paths this performance can take to be used as a poetic tool to arouse dialogues, new narratives and reflections on the care of pregnant women and mothers in the Brazilian health system.

**Keywords:** Performance. Mythologies of the feminine. Childbirth narratives. Obstetric violence.

## Introdução

Este artigo tece reflexões sobre uma experiência de performance narrativa, criada e apresentada em diversos contextos ao longo de 2018 e ainda em curso, que é parte integrante da pesquisa-criação intitulada *Performances do Parto*, em desenvolvimento em Florianópolis, SC, onde resido. Pesquisa-criação (*research-creation*) é um conceito complexo, que pode ser desdobrado em múltiplos conceitos, mas que genericamente designa processos ancorados na prática como pesquisa. Uma das definições possíveis, mas que não abarca a multiplicidade e abrangência de classificações, é dada por Alanna Thain, pesquisadora do grupo canadense de pesquisa transdisciplinar SenseLab:

[...] a pesquisa-criação deve ser entendida como um método de intuição, uma técnica para expandir a percepção que a coloca em contato imediato com a sensação, no que Brian Massumi aqui chama de 'pensar-sentir o que acontece'. Uma expansão da percepção nos traz à 'afecção afetiva': ao nos abriremos para maiores possibilidades de sermos afetados, aumentamos nosso próprio poder para afetar em retorno. (THAIN, 2018).

Hoje, refletindo sobre as apresentações, observo que nelas há um esforço em despertar memórias recentes do que vivi e redistribuir a experiência com os ouvintes, convidados a tornarem-se participantes e testemunhas de uma narrativa de poder, sofrimento e vulnerabilidade. Desperto nas encenações histórias mais antigas que a história vivida para entender os ciclos do mundo e os ciclos das mulheres. Refaço em meu corpo e voz o percurso do mito e da história mundana, cruzando narrativas a um só tempo reais e simbólicas. Ofereço em sacrifício a experiência de parto de minha mãe ao me parir, para sacralizar e coletivizar esta experiência e despertar memória e consciência de outros partos, deixados em silêncio, incompreensão ou escuridão; ou festa, luz e alegria. Por cerca de quinze minutos, vivo a experiência de profanar o sagrado e sacralizar o profano, em uma profusão de contextos, lugares, sotaques, idades, experiências e in experiências. Nesta pesquisa utilizo os termos *profanar e sacralizar* a partir do conceito de Agamben:

Os juristas romanos sabiam perfeitamente o que significa "profanar". Sagradas ou religiosas eram as coisas que de algum modo pertenciam aos deuses. Como tais, elas eram subtraídas ao livre uso e ao comércio dos homens, não podiam ser vendidas nem dadas como fiança [...]. E se consagrar (*sacrare*) era o termo que

designava a saída das coisas da esfera do direito humano, profanar, por sua vez, significava restitui-las ao livre uso e à propriedade dos homens [...]. (AGAMBEN, 2001)

Esta experiência de narrativa cênica, que nomeio *Mitoprofânica*, é uma pequena “contação” de história que tece o mito de uma deusa arcaica a uma história pessoal de nascimento: minha própria narrativa de parto. Em cena encarno, em uma mesma persona, a deusa Deméter e minha mãe, ambas as histórias misturadas, expondo experiências de violência, abandono e reencontro.

Antes de prosseguir com o percurso específico de *Mitoprofânica*, o foco principal deste relato, é fundamental situar as bases investigativas e a metodologia da pesquisa da qual ela é filha direta. Minha pesquisa se encontra no momento atual situada fundamentalmente em dois “lugares”: transitoriedade e corporeidade. São dois pontos de referência que, depois de alinhar meus anseios artísticos aos conceitos da filosofia processual, contextualizados pelos pesquisadores do SenseLab (WHITEHEAD, apud MANNING, 2016), são inerentes ao pretexto fundamental para minha pesquisa-criação: as narrativas contemporâneas de parto.

Além de minha trajetória como artista de teatro em São Paulo por cerca de vinte anos, parto da minha experiência de quase sete anos como profissional servidora da egrégora<sup>3</sup> materna (como doula, professora de Yoga Para o Parto<sup>4</sup> e consultora de gestação e parto); pesquisadora dos saberes da maternidade; e ativista pelos direitos reprodutivos femininos e pela assistência digna e respeitosa ao parto. A partir da percepção do potencial transformador que a experiência do parto causa tanto na mulher que pare quanto em seu entorno, percebo um campo expandido e transcendente da experiência do parto que recebe ecos do passado, vibra no presente e aponta para o futuro. Recolho as narrativas orais de partos: em encontros presenciais, as narrativas me são oferecidas e documentadas através de gravações em áudio; são mulheres que pariram em hospitais e em casa, no meio urbano da cidade de Florianópolis, SC, e no meio rural do município de Alto Paraíso de Goiás, em GO. E faço um exercício de “arqueologia” mítica e poética ao associar elementos destas narrativas com algumas das mitologias arcaicas femininas que emergiram no período Neolítico, e que alicerçavam as

comunidades agrárias, a partir de atributos como fertilidade, maternidade, sexualidade, acolhimento (EISLER, 2007).

Nesse exercício de ouvir os ecos dos mitos arcaicos nas entrelinhas das narrativas de parto contemporâneas, escolho o caminho da experimentação e criação de uma linguagem cênica corporal e narrativa como ponte para dar corpo a este encontro. Esta linguagem está sendo pesquisada e colocada em prática na série de performances-solo *Performances do Parto*, cada uma trabalhando um conceito-hipótese levantado pela investigação: o sujeito movente do evento - que Manning define a partir de Whitehead como o *superject* (MANNING, 2014) - em *Trigemelar*; engendramento, individuação, simbiose, metaestabilidade (MANNING, 2007)<sup>5</sup>, em *Primagesta*; a animalidade/mamiferização do parto<sup>6</sup>, termo cunhado pelo médico e pesquisador Michel Odent (ODENT, 2016) em *Mamífera Reptiliana*; a institucionalização do corpo/parto<sup>7</sup> em “*Metalização do Parto*”; a profanação do sagrado e a sacralização do profano nas contações de histórias de *Mitoprofânica*.

O desafio que me proponho na presente investigação é dar voz à experiência intransferível e indizível do parto e inserir esta linguagem em uma possibilidade poético-política de propagação do direito de parir de toda mulher que assim o deseja. Na prática, significa colocar as performances em contato direto com públicos específicos em contextos específicos: eventos, congressos, simpósios e encontros sobre obstetrícia; rodas de gestantes e mães; círculos sobre o Sagrado Feminino; espaços acadêmicos formadores de profissionais de saúde; eventos feministas que abarquem a questão dos direitos reprodutivos, entre outros. Isto já está acontecendo desde 2017.

*Mitoprofânica*, por seu formato simples e facilmente adaptável a qualquer espaço físico, tem sido a que mais circula e que neste momento é a performance que me permite tecer reflexões mais sólidas sobre o impacto do público em contextos diversos. *Mitoprofânica* é uma provocação, um estopim, uma abertura para outras narrativas e diálogos menos normativos sobre o nascer. O que este trabalho pretende tornar relevante é o transbordamento das histórias misturadas, para contagiar e fazer vir à tona as narrativas de quem chega para ouvir, somado à experiência coletiva de compartilhar histórias do passado no intuito de compreender o presente e apontar escolhas possíveis para o futuro.

A encenação, neste contexto, é um experimento provocativo para aferir a força deste formato em informar e problematizar os modos de nascer em diversos grupos sociais brasileiros, trazendo à tona fricções entre desejos e limites de escolhas.

### **Origens da encenação**



Primeira apresentação de Mitoprofânica no evento Na Luz do Partear II, em Botucatu (junho/2018) – Foto: autor desconhecido

*Mitoprofânica* não tinha nome no início da elaboração. Conformava-se em ser um chamado para uma vivência sobre histórias de partos em um evento sobre parteria tradicional<sup>8</sup>. As organizadoras do evento sabiam de minha pesquisa em desenvolvimento.

Após finalizar a coleta das narrativas iniciais e uma primeira parte do estudo dos mitos arcaicos, no processo de concepção dramaturgica escolhi Deméter, deusa múltipla, potente, cuja influência ia muito além do território grego, muito antes da Grécia Clássica. É a Senhora do Grão, deusa da agricultura e das mulheres grávidas, da sexualidade, das profundezas infernais, regente da vida-morte-vida, simbolizada pelas estações do ano (WALKER, 1983). Minha escolha cai sobre um recorte de um de seus mitos: parte da conexão preciosa mãe-filha, caminha pela perda deste vínculo a partir do rapto da filha-menina pelo deus dos infernos e sua violação, do amadurecimento e da aceitação resignada da passagem menina-mulher, e a consequente criação cosmogônica dos ciclos das estações

a partir desta relação delicada entre Deméter e Perséfone. Resgato, dentre as narrativas colhidas, a de meu próprio parto, história rememorada e re-tecida a muito custo por minha mãe e por minhas próprias lembranças do relatos. Foi um parto de dois dias repleto de violência obstétrica<sup>9</sup>, que resultou em uma cirurgia cesariana desnecessária (ou, como se usa hoje no jargão do movimento pela humanização do parto, uma “desnecesária”).

Transformo o mito de Deméter em uma história humana, entrelaçado ao fato contemporâneo da narrativa de parto, na tentativa de coletivizar a história particular de meu parto para que se seja relatada em símbolo/mito performado. Aqui, Deméter/minha mãe, eu/Perséfone, passo de maneira quase imperceptível entre mito e fato: há uma história dentro de outra história. Trago o signo do sangue derramado, através de um objeto/útero e ao mesmo tempo o bebê recém nascido, uma bola transparente cheia de vinho, que se esvazia aos poucos, o vinho/sangue escorrendo no chão, manchando os meus pés, respingando nos participantes, até que um resto disforme sobra para estar frágil nos meus braços.

### **As apresentações e seus desdobramentos**

Desde a primeira experiência, encenada na zona rural de Botucatu, houve o desejo e a abertura para que os participantes pudessem falar sobre suas histórias de nascimentos, de suas mães. Sentamos ao ar livre, em um gramado, em círculo, estruturação que passou a ser adotada em todas as apresentações e que me convidava a mover-me em todas as direções, buscar o olhar de cada participante. Ali eu ainda performava em grande medida estática, dando ênfase ao texto, à voz onde o corpo era coadjuvante e pouco ativo. Considero esta uma fase embrionária da encenação, ainda antevendo a narrativa transbordante de ser extrapolada a outras possibilidades. Mesmo nesta performatividade tradicionalmente limitada, minha conexão com o coletivo aconteceu de maneira contundente e pude constatar, assim como em outras ocasiões, as forças mobilizadoras das histórias do nascer.

Após a apresentação, sob o formato de uma vivência, estimulei os participantes a se reunirem em pequenos grupos e compartilharem suas histórias de nascimento. Cada grupo elegeu uma história e solicitei que narrassem em primeira pessoa, vestindo a

voz das mães relatando a experiência do parto. Catártico: a maioria das histórias era de sofrimento, incompreensão, medo, e com graus variados de violência obstétrica. Entre os participantes, os nascidos e nascidas a partir da década de setenta até a década de noventa do século XX tinham histórias de maior violência e uma predominância de cesáreas. Os mais velhos e mais velhas apresentavam uma maior incidência de histórias mais positivas. Os próprios participantes conseguiram observar este fato e constatar aquilo que as pesquisas mais relevantes<sup>10</sup> têm apontado: o atendimento obstétrico oficial no Brasil, tanto público quanto privado, desde a década de 60 e com ápice na década de 90, apresenta alto índice de intervenção, medicamentos, más práticas e falta de acolhimento e reconhecimento do processo do parto como sendo fisiológico. Por outro lado, relatos como o parto de Dona Francisquinha<sup>11</sup>, presente ao evento, ofereceram ao grupo outras possibilidades do nascer: afeto, acolhimento, encorajamento, delicadeza, sacralidade. Entre estes dois extremos, poucas nuances e uma sensação coletiva de zona inóspita de outras possibilidades.

Outros lugares pelos quais *Mitoprofânica* passou receberam-na como uma abertura provocativa para que profissionais pudessem discorrer sobre temáticas diversas. Foi o caso da abertura de uma palestra sobre violência obstétrica<sup>12</sup>. A audiência era composta de gestantes, companheirxs, algumas doulas e familiares das gestantes. Na organização estavam enfermeiras obstétricas professoras do curso técnico de enfermagem. Fui recebida no auditório e não havia possibilidade de nos colocarmos em roda. Diante deste aparente obstáculo, levei a encenação para o corredor da plateia, onde podia trazer a narrativa para mais perto de uma vivência coletiva. Apesar de não poderem compartilhar suas histórias devido ao formato fechado da palestra, a comoção foi grande, inclusive das organizadoras e da palestrante, que abordou suas sensações com relação à apresentação durante a palestra.

*Mitoprofânica* foi reapresentada em agosto de 2018 em um evento específico do meio obstétrico, o “Agosto Dourado”<sup>13</sup>. Fui convidada por um grupo de doulas e enfermeiras obstétricas de Florianópolis para apresentar a performance no posto de saúde do SUS do bairro dos Ingleses, norte da cidade. Um evento repleto de atividades. Presentes estavam a equipe de atendimento do postinho, mães e pais recentes com seus

bebês, familiares e gestantes, da comunidade do bairro; comida, choros, conversas se atravessando, ambiente ruidoso, festivo e caótico. No meio desta pequena bagunça, intuitivamente comecei a cantar o início de uma canção, “Pó de Ouro”: *O que eu tenho pra você é um presente/ O que eu tenho pra você é um presente/ Não é dor, não é dor não/ O que eu tenho pra você é uma semente/ O que eu tenho pra você é uma semente/ Não é cruz, não é cruz não*<sup>14</sup>. Silêncio, concentração, escuta. Concentrei-me em estabelecer uma conexão individual e intimista com cada participante, onde cada pedaço da história foi narrada para cada um dos presentes. Abrimos uma roda de conversas e espontaneamente as mulheres quiseram compartilhar suas histórias, muitas delas com seus recém-nascidos no colo. Houve comoção, choro, confissões de mágoas, auto-culpabilizações. Juntas constatamos que, apesar de Florianópolis ser considerada referência no atendimento obstétrico do SUS, ainda há muito que melhorar. As percepções das mulheres estavam repletas de sensações de abandono, falta de informação, tratamento negligente e/ou agressivo, impotência. Havia uma ânsia por entender a experiência, encontrar um sentido para o sofrimento, encontrar alívio para culpas diversas: não ser capaz de aguentar a dor, não ter coragem para parir de maneira natural, etc. Todas as mulheres que expuseram suas experiências eram predominantemente de baixa renda, atendidas pelo SUS.

Cito aqui também a apresentação que fiz para a comunidade acadêmica de teatro da UDESC<sup>15</sup>. Um dos objetivos era analisar não só a temática mas também a linguagem escolhida. Porém a temática venceu: os participantes queriam falar sobre o impacto da história como ativadora das memórias de seus próprios partos e, no caso de algumas mulheres que são mães, os partos de seus filhos e filhas. Refleti sobre minha criação estética, pouco comentada, e um desejo de tornar a performance mais contundente através desta. Até este momento, esta era também para mim uma preocupação menor.



## As experiências no Maranhão



Apresentação em Barreirinhas, MA (Espaço Cacto, janeiro/2019) –  
Foto: Dayana Roberta

De fins de dezembro de 2018 a fins de janeiro de 2019, realizei pesquisa de campo no Maranhão em viagem que pretendia um estudo sobre as parteiras tradicionais do estado, para um futuro projeto acadêmico sobre parteiras tradicionais de algumas regiões do Brasil.

Entre mergulhos no Maranhão profundo, em interiores pouco vistos por olhos de fora, e incursões pelas periferias rurais de São Luís, minha escuta se afinava com as vozes fortes e estruturadas em práticas culturais religiosas antigas e enraizadas. Dentre o idioma estranho e quase incompreensível de códigos e condutas, tive a sensação de estar sendo cuidada e acalentada por várias mães e pais. Isso aconteceu tanto na capital São Luís quanto nas cidades distantes de Barreirinhas, São José de Ribamar, Alcântara, São Bento.

No último quarto da viagem, minha contrapartida pôde ser ofertada, através da realização de três apresentações de *Mitoprofânica* e uma de *Primagesta*<sup>16</sup>, performance que não abordarei neste artigo. Quatro experiências memoráveis, que abriram janelas e construíram pontes renovadoras, algumas surpreendentes, para as potencialidades do meu trabalho.

Inaugurei esta perambulação por Barreirinhas, a porta de entrada dos Lençóis Maranhenses, em um espaço a princípio duro e pouco acolhedor: uma sobreloja que comporta uma sala comercial onde está sediada uma organização que visa dar apoio educacional para jovens que querem prestar concursos públicos. Aceitei por ser um ponto central e de fácil acesso. Junto comigo, a agitadora cultural e amiga, Dayana Roberta, se empenhava com muito afincio e paixão em fazer as encenações acontecerem. Desta vez, experimentei trazer para a *Mitoprofânica* as vocalizações que já pesquiso nos ensaios das performances, buscando sonoridades de abertura e conexão com o baixo ventre. Com a bola de vinil, meu “útero” cheio de vinho, apoiado por baixo da túnica, vocalizei para ele, acalentando como um bebê minha Perséfone em botão. Outra canção pediu licença para se manifestar e abri alas com ela, “*a voz do anjo sussurrou no meu ouvido / eu não duvido já escuto os teus sinais / e tu virias numa manhã de domingo / eu te anuncio nos sinos das catedrais / tu vens, tu vens / eu já escuto os teus sinais*”<sup>17</sup>. Emendando com “Pó de Ouro”, foi assim que iniciei...

Uma voz sussurrada de um menino de oito anos me acompanhou. Sua família, pai, mãe, irmã mais velha. Três adolescentes locais. Um guia turístico e educador. O amigo e anfitrião do espaço, Ronildo. Sua mãe dona Delma. Uma mulher da cidade. Dayana. Doze pessoas ao meu redor: uma apresentação delicada e intimista. A sala tinha uma reverberação acústica incômoda, o que me levou a um tom mais contido e suave, que potencializou paradoxalmente a força das histórias. Ali talvez duas ou três pessoas sabiam quem é Deméter. Mas a função e a força do mito se colocou a serviço da mulher comum e emanou para a audiência. Não houve dificuldade no entendimento e vi novamente a narrativa ser abre-alas para as narrativas das e dos participantes.

No Maranhão o atendimento obstétrico nos hospitais ainda é problemático: práticas ultrapassadas, invasivas, histórico vasto de violências. Muitas mulheres têm medo de parir nos hospitais. E em algumas destas, este medo as leva a recorrer à familiaridade das parteiras locais, que em geral são pessoas benquistas e próximas de suas comunidades. Nesta roda de conversas ouvi frases contundentes expondo esta preferência pelas parteiras: “ah, se eu tivesse teimado um pouco mais, tinha ido com Dona Fulana!”, “a parteira Siclana jamais me trataria assim como me trataram!”. Abrir

uma conversa sobre estes assuntos com um mote artístico era novidade e pelo inusitado se viram refletindo sobre suas histórias e consequências.

De volta a São Luís, dando voltas com Dayana pelo centro histórico, desembocamos no CRESOL (Centro de Referência de Economia Solidária), uma ONG gerida por mulheres trabalhadoras, responsável por dar visibilidades e vazão comercial aos produtos de artesãos e artesãs do estado. Em um casarão histórico, de esquina, estamos em um saguão amplo com prateleiras de produtos ao fundo e um café modesto e simpático. Luiza, a gestora, é ativista do movimento negro, socióloga. Em quinze minutos, combinamos a apresentação para o dia seguinte de tarde, no próprio saguão aberto. Tudo muito rápido e um pouco aflitivo para mim: o figurino ainda está encharcado de vinho da apresentação de Barreirinhas.



Apresentação no CRESOL, São Luís, MA (janeiro 2019) –  
Dandara Mendes Fabiano do Rosário

Na saída deste mesmo dia do centro histórico, cruzamos com Maycon, líder comunitário do quilombo urbano Liberdade, parte de um complexo de quatro bairros. Entre provocações políticas e abraços fortes, é marcada mais uma apresentação, desta vez para o último dia da minha estada no Maranhão. Semana completa.

A apresentação no CRESOL: no espaçoso saguão, com uma roda maior, as mulheres vão chegando, entre funcionárias, amigas, transeuntes, turistas e colegas. Só mulheres. De todas as idades e extratos sociais. Sinto algo muito forte no ar. Estou entre muitas mães e avós. E invisto em minhas canções e desta vez me permito uma desenvoltura corporal inédita. A bola realmente torna-se meu útero dançante e deixo o corpo e a voz acompanhá-la. A voz... permito que ela cresça também, mas desta vez, deixo silêncios mais prolongados e degustados. As mulheres me acompanham nos silêncios e muitas delas choram contidas; o que provoca meu embargo na voz e uma lentidão maior para conseguir ir até o fim. O que se segue é uma das mais potentes rodas de conversa, na qual eu pouco precisei ou quis falar, tamanha era a contundência e profundidade das narrativas compartilhadas. Mulheres transbordavam suas histórias com uma consciência apurada da inserção destas em um cenário coletivo que poucas vezes vi se apresentar: consciência política, afetos, virulência, delicadezas e apoio mútuo. Estão cansadas de serem maltratadas por uma ciência da saúde de má qualidade, preconceituosa, discriminatória, excludente e obsoleta. Uma reflexão mais apurada se faz desta vez: a de que recorrer às parteiras possa ser uma opção, e não uma fuga por medo. Não são todas que querem, ou mesmo conseguem, abraçar esta opção e é legítimo o direito de poderem ser atendidas como merecem nos aparatos de saúde pública e privada do estado. Há uma necessidade urgente de falar, identificar as lacunas, os abismos, mobilizar forças para construir pontes sobre eles. Neste debate, sou ouvinte, público e aprendiz.

E parto finalmente para a última experiência de *Mitoprofânica* no Maranhão: apresentação em uma tarde de segunda feira no CRAS<sup>18</sup> Liberdade, um local encravado no meio do bairro de mesmo nome: modesto, com poucos funcionários e uma movimentação tranquila e escassa da população. Chego sozinha e ali ninguém sabe de nada sobre a apresentação. Apreensiva eu aciono o Maycon, que informa que não conseguirá chegar a tempo, indicando a gestora do local, que não está presente e nem estará. Percebendo minha

aflição, uma das funcionárias me tranquiliza, confiando totalmente em minha palavra de que uma apresentação foi combinada ali para aquela tarde. Percebo-me mais uma vez ridícula em minhas aflições e desconfianças. Sou levada para a sala mais adequada para a apresentação, ainda assim bem pequena, a menor de todas que já tive disponível até então. Em pouco tempo Dayana chega, apaziguando o pouco de desconfiança que ainda resta em mim, ajudando na arrumação final.

E assim vão chegando as pessoas: funcionárias e funcionários, as pessoas presentes no atendimento, Maria da Guia (professora de Estudos Africanos da UFMA, tia de meu anfitrião Vinicius) com três amigas de Quebra-Pote - um dos bairros periféricos que visitei para conhecer algumas parteiras -, agora mais homens, equilibrando as energias presentes. Dez pessoas no total. Espaço pequeno pede delicadeza e contundência misturadas, um equilíbrio sutil que ainda estou aprendendo a balancear. Olho com mais demora para os homens, sinto precisar acolhe-los. Não é fácil, desviam, esquivam-se. Mas fazem-se presentes na conversa, pois querem dizer o quanto sentem-se afastados deliberadamente do processo de parto de suas mulheres. Aqui revela-se através destas narrativas mais uma violência: alijar o companheiro de acompanhar sua mulher em trabalho de parto nos hospitais e maternidades, infringindo abertamente a Lei do Acompanhante. A palavra principal desta última experiência maranhense é das funcionárias do CRAS, que se colocam como responsáveis por ajudar na conscientização da população vulnerável que atendem e na consequente reivindicação por tratamentos mais dignos. Atentam para o inusitado do formato artístico e o desejo de repetir a experiência com outras temáticas sensíveis à população.

O fecho desta conversa é dado pelo atrasado Maykon: ele oferece a narrativa do parto de sua filha, que por negligência e demora no atendimento sofre uma parada cardíaca que compromete seu desenvolvimento mental. Aparentemente tão combativo, irônico e raivoso, conta em voz baixa e emocionada a dor das consequências da experiência, e fico com um nó na garganta que se mantém até o fim do dia. A impressão que impregna em mim é a de uma população maltratada desde a fase embrionária, que precisa de muita resistência para ultrapassar as barreiras impostas pela segregação em vários níveis.

## Conclusão

Dentro da pesquisa-criação a que me propus, existe a investigação de uma linguagem corporal narrativa que possa expressar de modos não normativos as narrativas tanto mitológicas quanto contemporâneas de nascimento. Mas esta linguagem se destina a um objetivo: abrir um campo possível de relações e diálogos com pessoas que estão imersas neste universo da maternidade: seja circunstancialmente e por condição inerente, como gestantes, mães e famílias destas; seja por escolha profissional ou militante, como profissionais da saúde (obstetras, enfermeiras(os), doulas, parteiras, psicólogas(os), terapeutas corporais), ativistas, feministas, políticas(os).

A pesquisa se dá em ação e não se encerra ao apresentar um “resultado final”- a encenação – pois esta é apenas um meio do caminho, uma das etapas, também objeto de investigação. Interessa-me abrir um campo relacional com os participantes das encenações que possa desdobrar-se em novas narrativas e possibilidades de contínuo diálogo, seja com questões relativas ao campo pessoal de cada participante, seja com a elaboração de caminhos e soluções institucionais a partir das comunidades as quais fazem parte, ou seja como detonador de possíveis tomadas de consciência. A partir do término de cada apresentação, as reverberações das encenações são também focos da minha investigação e apontam para novas criações e o aprimoramento da linguagem poética como força dialógica. O evento passa a se complexificar e exigir um outro olhar que não o da dicotomia sujeito-objeto.

Proponho aqui a desconstrução desta abordagem a partir de um dos conceitos da filosofia processual de Alfred North Whitehead, do *superject*, ou sujeito do evento, mencionado no início do artigo. “O que surge como forma, portanto, nunca é um sujeito geral, é o *sujeito do evento*. Superject, como Whitehead diria.” (WHITEHEAD apud MANNING, 2014). Se a princípio parece haver papéis definidos entre o observador e o observado, na prática o que acontece são relações moventes entre os atores do evento, onde estas categorias são circunstanciais e sobrepõem-se, dobram-se sobre si mesmas: eu e a encenação, os participantes e seu olhar, o protagonismo do diálogo destes a partir da encenação, o retorno à minha voz, as constatações individuais e coletivas, os afetos que brotam destas relações. A encenação e a atriz por hora são centrais, em outro momento se

dissolvem nas outras histórias que surgem, uma participante torna-se centro, retorna-se o centro à atriz, os silêncios e pausas nas conversas tomam a frente e depois dão lugar a sobreposições de vozes. A partir dos engendramentos<sup>19</sup> propostos pela encenação, percebo processos de individuação<sup>20</sup> simultâneos, em mim como intérprete e nas pessoas do público. A narrativa toca a superfície de nossos corpos e permite que nos interpenetremos em relações moventes surpreendentes e profundas, instantâneas.

Esses movimentos relacionais não são controláveis, mas sim observáveis: nunca se sabe quais serão os caminhos percorridos, assim como em um processo de parto; ou seja, não podem ser pré-determinados, e é exatamente por isso que me interessam como processos em permanente construção e desconstrução, mas sempre em direção a expansões das experiências. Individuações múltiplas.

As descrições das experiências a partir das apresentações de *Mitoprofânica* levam-me a constatar a diversidade de respostas vindas dos públicos participantes, e também de acordo com os constituintes de cada evento, mas existem pontos em comum que, a meu ver, apontam para a relevância da pesquisa nesta direção: o formato circular e íntimo, que permite um contato direto com cada participante e impacta emocionalmente e fisicamente a relação entre intérprete e público; a potência do mito como expressão de identidades coletivas reconhecíveis e agregadoras; a força da expressão da narrativa real impulsionada pela narrativa mítica como amálgama de experiências similares ou análogas; a imediata e conseqüente participação ativa do público, quebrando a relação passiva e assistente de palco-plateia; a linguagem poética como provocadora de outras linguagens de comunicação e expressão do coletivo.

A partir das reflexões discorridas aqui, enxergo este possível formato de encenação – formato movente, flexível, moldável e em constante processo de transformação - como uma possibilidade de arte ativista ou arte mobilizadora de processos de diálogo crítico, abertura para propostas sócio-políticas e sensibilização para possíveis mudanças no cenário do atendimento ao gestar, parir e criar, que fazem parte da luta pela legitimação dos direitos reprodutivos femininos.

## Referências

THAIN, Alanna. Affective Commotion Minding the Gaps in Research-Creation. In *Inflexions – a journal for research creation*. No 1 (May, 2008); trad. minha. Disponível em [http://www.inflexions.org/n1\\_thainhtml.html](http://www.inflexions.org/n1_thainhtml.html)---

AGAMBEN, G. *Elogio da Profanação*. In *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2001.

EISLER, Riane. *O Cálice e a Espada - Nosso passado, nosso futuro*. Tradução de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2007.

MANNING, Erin. Wondering the World Directly, or How Movement Outruns the Subject. *Sage Journals*, October 6, 2014. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1357034X14546357?journalCode=boda>. Acesso em setembro de 2017.

\_\_\_\_\_. *The Minor Gesture*. 1. ed. Durham: Duke University Press, 2016.

\_\_\_\_\_. *Politics of Touch – Sense, Movement, Sovereignty*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

ODENT, Michel. *Pode a Humanidade Sobreviver à Medicina?* Tradução de Izabel Aleixo Laura Uplinger. 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto Michel Odent, 2016.

WALKER, Barbara G. *The Woman's Encyclopedia of Myths and Secrets*. San Francisco: HarperCollins Publishers, 1983, pág. 219.

## Notas

<sup>1</sup> Autora principal. Mestranda do PPGT do CEART/UEDESC (Centro de Artes/Universidade do Estado de Santa Catarina; bolsista da CAPES. [carmona.daniela@gmail.com](mailto:carmona.daniela@gmail.com)

<sup>2</sup> Colaboradora, revisora e consultora do presente artigo. Professora doutora do CEART/UEDESC (Centro de Artes/Universidade do Estado de Santa Catarina; pesquisadora do CNPQ. [brigidaudesc@gmail.com](mailto:brigidaudesc@gmail.com)

<sup>3</sup> Egrégora, ou egrégoro para outros, (do grego egrêgorain, velar, vigiar), é como se denomina a entidade criada a partir do coletivo pertencente a uma assembléia.

Segundo as doutrinas que aceitam a existência de egrégoras, estes estão presentes em todas as coletividades, sejam nas mais simples associações, ou mesmo nas assembléias religiosas, gerado pelo somatório de energias físicas, emocionais e mentais de duas ou mais pessoas, quando se reúnem com qualquer finalidade.” Trecho extraído de BAYARD, Jean-Pierre. *Os Talismãs: Psicologia e poderes dos símbolos de proteção*. São Paulo: Editora Pensamento, 1985.

<sup>4</sup> Yoga Para o Parto é uma abordagem da Hatha Yoga desenvolvida a partir de estudos teóricos e empíricos sobre saberes do parto, pela yogini, parteira contemporânea e pesquisadora Jessica Nunes.

<sup>5</sup> Este quatro conceitos não cabem detalhados na abordagem deste artigo, mas são bases importantes na experimentação prática da linguagem desenvolvida em sala de ensaio, a partir da observação do discurso das narrativas de parto e da experiência empírica como doula.

<sup>6</sup> Para um exemplo do termo mamiferização, ver ODENT, Michel. *A Prioridade Hoje é Mamiferizar o Parto. Palestra proferida no Seminário BH Pelo Parto Normal, 2008*. Disponível em: <http://www.sentidosnasc.org/wordpress/wp-content/uploads/2016/01/sentidos.png>

<sup>7</sup> Discurso sobre este assunto no primeiro capítulo de minha dissertação de mestrado tomando como base estudos dos documentos oficiais sobre diretrizes de atendimento ao parto do Ministério da Saúde e da OMS; a pesquisa nacional *Nascer no Brasil – inquérito nacional sobre parto e nascimento*, desenvolvida pela Fiocruz, disponível em <http://www6.ensp.fiocruz.br/nascerbrasil/>; e diversos artigos e blogs referendados sobre a institucionalização do parto.

<sup>8</sup> Evento “Na Luz do Partear” (vivência formativa em saberes da parteria tradicional), em sua 3ª edição em



Botucatu, no interior de São Paulo, no final de maio de 2018. Acompanho este evento desde sua primeira edição, em maio de 2017, em Alto Paraíso de Goiás.<sup>9</sup> “Art. 2o Considera-se violência obstétrica todo ato praticado pelo médico, pela equipe hospitalar, por um familiar ou acompanhante que ofenda, de forma verbal ou física, as mulheres gestantes, em trabalho de parto ou, ainda, no período puerpério.” PL./0482.9/2013, publicada no Diário Oficial do Estado de Santa Catarina, em 19/01/2017.

<sup>10</sup> Dados publicados na pesquisa *Nascer no Brasil – Inquérito nacional sobre parto e nascimento*, da Fiocruz, em 2016. Disponível em <http://www6.ensp.fiocruz.br/nascerbrasil/>

<sup>11</sup> Parteira indígena da etnia *shawandawa*, do Acre, já atendeu mais de 1.500 partos; também uma das “Las Trece Abuelas”, conselho de anciãs indígenas do mundo todo, que se reúnem periodicamente para troca de saberes e manutenção e preservação das culturas ancestrais.

<sup>12</sup> Palestra proferida pela bióloga profa. dra. Ligia Moreiras Sena, por ocasião de um ciclo de palestras sobre parto humanizado, promovido pelo IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina), em junho, julho e agosto de 2018, em Florianópolis. Ligia é bióloga, doutora pela Faculdade de Saúde Coletiva da UFSC com a tese *Ameaçada e sem voz, como num campo de concentração - A medicalização do parto como porta e palco para a violência obstétrica*. Ativista dos direitos reprodutivos da mulher.

<sup>13</sup> O Agosto Dourado celebra nacionalmente a importância da amamentação e é marcado por diversos eventos comemorativos e informativos.

<sup>14</sup> Autoria: Luiza Lian. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QnvzA1w0rwo>

<sup>15</sup> Na ocasião, apresentei na disciplina de mestrado Introdução ao Teatro Feminista, ministrada pela profa. dra. Maria Brígida Miranda, co-autora deste artigo, em novembro de 2018.

<sup>16</sup> Uma breve menção: *Primagesta* foi a primeira performance criada nas investigações práticas para o mestrado, abordando uma experiência de parto captada pelos participantes por outros sentidos que não a visão, propondo uma narrativa imaginária compartilhada com o público, este de olhos vendados.

<sup>17</sup> Trecho da canção “Anunciação”, composta pelo compositor e cantor pernambucano Alceu Valença.

<sup>18</sup> CRAS: Centro de Referência de Assistência Social: “[...] é um equipamento público mantido pelo MDS (Ministério do Desenvolvimento Social). Ele foi criado com o objetivo de fornecer apoio e proteção assistencial a pessoas que residem em áreas consideradas de vulnerabilidade social. Uma das atribuições do CRAS é viabilizar o acesso a projetos e benefícios governamentais.” Trecho extraído da página de apresentação do CRAS Liberdade, disponível em <http://www.assistenciasocial.org/cras-liberdade-sao-luis-ma-endereco-e-atendimento/>

<sup>19</sup> Tomo aqui como definição de engendramento (engendering) o conceito desenvolvido por Erin Manning: “[...] Engendrar é empreender na recomposição da forma. Engendrar é potencializar a matéria. O engendramento envolve a potencialidade no seu modo mais fértil: ele traz à tona a ligação entre o incorpóreo e o material, entre o virtual e o real. O engendramento ocorre no momento mágico entre potencialidade e realidade, onde o que é exposto é a realidade do virtual e a virtualidade do real. Nesse momento cheio de acontecimentos, corpos se metamorfoseando em direção a novas formas de matéria vão se tornando qualitativamente mais do que eles-mesmos.” MANNING, Erin. *Politics of Touch – Sense, Movement, Sovereignty*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007; pg 90. Tradução Bianca Scliar Cabral Mancini.

<sup>20</sup> Concomitante ao conceito de engendramento, utilizo a definição conceitual de Gilbert Simondon, citado por Manning: “[...] Indivuação é o termo que ele dá ao processo pelo qual a potencialidade é engendrada. Para Simondon, a indivuação implica deixar para trás o conceito do individual como a soma pré-organizada de uma forma estável e de uma matéria inerte. A identidade é exposta pela indivuação como um momento em um processo que expande para muito além dos limites de uma categoria estrita que poderíamos chamar de ‘self’. Indivuação é conceitualizada como um veículo que permite o ser a devir, não como matéria ou forma ou substância, mas como um sistema elástico, hiper-saturado com seu próprio potencial.” *Politics of Touch – Sense, Movement, Sovereignty*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007; pg 90. Tradução Bianca Scliar Cabral Mancini.